

**O APROFUNDAMENTO DA PERSPECTIVA SUBJETIVA NA  
ESCRITA DE FERNANDO NAMORA**

***THE DEEPENING OF THE SUBJECTIVE PERSPECTIVE IN  
FERNANDO NAMORA'S WORK***

*Ana Carla Pacheco Lourenço Ferri<sup>1</sup>*

**RESUMO**

O aprofundamento da perspectiva subjetiva na escrita de Fernando Namora, a partir da publicação do romance *O Homem Disfarçado* (1957), correspondeu às necessidades do nosso contexto histórico depois do início da Guerra Fria. Este trabalho propõe a análise de aspectos de nossa modernidade presentes na obra de Fernando Namora a partir da década de 1950, tais como o esfriamento das relações, a luta pela manutenção do *status* social, a fragilidade das máscaras sociais. O trabalho tem como objetivo ainda a observação de ideais que perpassam toda a trajetória literária do autor, como o desejo de pertencimento e a necessidade de convívio humano. Para tanto, pretende levantar cenas de *O Homem Disfarçado* e de outras narrativas de Fernando Namora que abordam esses aspectos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fernando Namora; narrativa portuguesa do século XX; humanismo subjetivo.

**ABSTRACT**

The deepening of the subjective perspective in Fernando Namora's work, from the publication

---

<sup>1</sup> Doutora e Mestra em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Letras da UFRJ, com Dissertação (“Uma história de pequenos heróis: uma leitura de *O trigo e o joio*” – 2008) e Tese (“Fernando Namora: o homem pela voz do escritor” – 2016), dedicadas ao estudo da obra de Fernando Namora. Professora de Língua Portuguesa e de Literatura da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro.



of the novel *O Homem Disfarçado* (1957), corresponded to the needs of our historical context after the beginning of the cold war. This paper proposes the analysis of aspects of our modernity present in Fernando Namora's Work from the Decade of 1950, such as the cooling of relations, the struggle for the maintenance of social status, the fragility of the social masks. The article also aims to observe ideals that run through the author's literary trajectory, as the desire of belonging and the need of human coexistence. To do so, intends to raise the scenes of *O Homem Disfarçado* and other Fernando Namora's narratives that cover these aspects.

**KEYWORDS:** Fernando Namora; Portuguese narrative of the twentieth century; subjective humanism.

*.../ a literatura neo-realista admitia e admite não só toda a espécie de renovação formal, que harmonize a expressão artística com a atmosfera que a solicita, mas também todas as pesquisas no sentido de ir mais dentro da complexidade do homem, na sua consciência individual e na sua consciência colectiva<sup>2</sup>, o homem que assume livremente o porquê do seu viver e do agir dentro de um todo em que se insere. (NAMORA, 1979, p. 227)*

A primeira fase do Neorrealismo em Portugal foi marcada pelas urgências socioeconômicas, pela necessidade de combate à alienação do trabalhador, especialmente o camponês. Os representantes do novo movimento tomaram para si a responsabilidade de criar uma literatura “comprometida e reivindicadora, cujo objetivo imediato era oferecer uma problemática social” (NAMORA, 1979, p. 231). Isso fez com que alguns escritores tivessem menor atenção com o trabalho estético em suas obras.

Vencida a fase de maior preocupação com a consolidação dos pressupostos teóricos do Neorrealismo, seria mesmo esperado que seus principais representantes procurassem expressar maior refinamento estético e investissem em temas que ultrapassavam os limites socioeconômicos. O natural amadurecimento estético dos escritores do Neorrealismo coincidiu com uma mudança no contexto histórico: a Guerra Fria gerou frustração em relação aos resultados da revolução social; os governos ditatoriais intensificaram seus mecanismos de repressão; um clima de ceticismo enfraqueceu as relações sociais e impeliu o indivíduo para a solidão. Todo esse cenário provocou em grande parte das obras neorrealistas um deslocamento da perspectiva social para uma perspectiva mais subjetiva, dando mais espaço à problemática existencial.

Foi nesse mesmo período, em meio a toda essa atmosfera de desencanto, a ida do escritor Fernando Namora para Lisboa como assistente do Instituto Oncológico. Na nova função, conheceu uma realidade até então distante para um médico aldeão: o tráfico de influência e os conchavos existentes na sociedade médica, a máscara social. Atento às demandas de seu tempo histórico, concentrado nas surpresas dos relacionamentos humanos, Fernando Namora fez refletir em seus textos um humanismo mais subjetivo a partir da publicação de *O Homem Disfarçado* (1957), romance que retoma a ambiência urbana na produção do autor. A ênfase

---

2 Optei por manter a ortografia e a pontuação dos textos originais em todas as citações.

na sondagem subjetiva na escrita de Fernando Namora, a partir da publicação desse romance, deve ser considerada apenas como um aprofundamento dessa perspectiva e não como um significativo deslocamento, uma vez que o autor sempre soube conciliar o social e o particular em seus textos. O autor de *O Trigo e o Joio* esteve entre os que perceberam no Neorrealismo a possibilidade de “renovação formal” e de investigação da “complexidade humana”.

Neste artigo, pretendo fazer uma breve exploração analítica de aspectos sociais de nossa modernidade já presentes nos textos do Fernando Namora, tais como o esfriamento das relações, a luta incessante para a manutenção de *status* social e da boa condição econômica, a fragilidade das máscaras sociais. Além disso, quero observar questões como a inconsistência humana diante da doença e da morte, tão presentes na obra de Namora. Valores humanos como o desejo de pertencimento e a necessidade de convívio humano perpassam toda a trajetória literária do escritor e não poderiam deixar de ser aqui tratadas. No fundo, pretendo observar como Fernando Namora questionou, através de sua obra, os limites do subjetivismo humano. Minha leitura tem como eixo norteador o romance *O Homem Disfarçado*.

*O Homem Disfarçado* marca o aprofundamento da perspectiva subjetivista na obra de seu autor ao flagrar um indivíduo na luta para recuperar a autenticidade da juventude, uma autenticidade capaz de fazê-lo emergir de um mundo de relações esfaceladas pelas exigências sociais, pela necessidade cruel de obtenção do sucesso a todo custo. O livro representa uma corajosa e contundente crítica ao jogo de interesses que corrompe instituições e profissionais médicos, prejudicando o bem-estar e a saúde dos pacientes – especialmente os mais pobres.<sup>3</sup>

As desilusões com as lutas revolucionárias, o aumento das desigualdades sociais, as atrocidades cometidas contra populações indefesas geram um sentimento de impotência, de descrença quanto à possibilidade de que o mundo poderá um dia ser mais justo e fraterno. Esses sentimentos se transformam cada vez mais em indiferença e conformismo, que levam ao esfacelamento das relações humanas. Em *O Homem Disfarçado*, a indiferença é usada como uma forma de proteção ou de fuga pelo personagem principal, o médico bem-sucedido João Eduardo. Ele vive uma espécie de saturação social que o afasta cada vez mais de um convívio espontâneo com o próximo, sentindo uma verdadeira repulsa pela miséria alheia, o que lhe faz mergulhar em profunda crise de consciência. Nesta passagem, o médico foge de um velho pedinte na rua ao perceber que este tem uma enorme ferida no pescoço. A atitude de João Eduardo evidencia a sua impossibilidade de criar verdadeiros laços, afinal, para ele, um pedinte e um melancólico boi não são seres tão diferentes assim. O recurso do discurso indireto livre

---

3 A denúncia de Fernando Namora a aspectos corruptos no meio médico foi muito mal recebida por colegas da medicina e também da intelectualidade, como declarou em entrevista inserida no livro *Encontros*: “Boa parte do meio médico (sobretudo os barões da medicina) recebeu *O Homem Disfarçado* com fúria, ameaçando-me expulsão da Ordem, e o meio intelectual não desperdiçou o pretexto de investir sobre mim, cavaleiro solitário, com uma sanha inquisidora, embora naturalmente mobilizado por razões diversas. Mas um homem só é vencido quando ele próprio quer” (NAMORA, 1981b, p.19).

e a seleção vocabular enfatizam o horror sentido pelo personagem. Cabe destacar também a imagem do cancro no pescoço como uma dolorosa metáfora a sugerir que a grande doença da sociedade é a indiferença, a falta de empatia com o sofrimento alheio:

O velho ainda nada dissera dessa vez; os seus dedos enrolaram vagarosamente o papel, os olhos permaneceram melancólicos e suaves como os de um boi. E, de súbito, João Eduardo viu-lhe a hedionda ferida na garganta: um buraco de bordos inflamados onde existira um cancro. E fugira. Por que lhe acontecia esse pavor, cada vez mais doloroso e intenso, sempre que, fora do hospital, deparava com as misérias físicas? (*HD*, p. 18-19).<sup>4</sup>

A passagem de uma sondagem predominantemente social a uma mais psicológica, voltada para os conflitos interiores de seus personagens, notada no romance *O Homem Disfarçado*, significa uma retomada do que Fernando Namora já fazia notar no tom confessional de seu primeiro romance *As Sete Partidas do Mundo* (1938) e nos dramas interiores dos personagens de *Fogo na Noite Escura* (1943). Naturalmente, os conflitos psicológicos aparecem bem mais acentuados quando se constata que, superada a problemática socioeconômica, o ser humano continua infeliz. Nelly Novaes Coelho procurou explicar o porquê dessa contradição nos personagens de Fernando Namora, lembrando que a perspectiva socioeconômica serviu como filtro para detectar as origens dos problemas humanos no Neorrealismo, porém a “imagem-do-homem” construída pela ficção de Namora fugiu desse pragmatismo e resultou da convergência para duas coordenadas basilares:

(...) uma, de ordem socioeconômica (o indivíduo à mercê de carências econômicas, em luta pela sobrevivência; ou, em diferentes níveis, pressionado pelas imposições materiais de uma sociedade que coloca no Ter ou no sucesso econômico os verdadeiros fins da vida humana); e outra, de ordem ético-existencial (um homem fechado em si mesmo, acossado pelo medo de falhar com os outros, atormentado por uma inexplicável insegurança, consciência-de-culpa ou descrença de si mesmo). (COELHO, 1988, p. 69-70)

Esse é o conflito que atormenta os protagonistas de Fernando Namora na fase de sondagem mais psicológica, sobretudo o de *O Homem Disfarçado*, homem de família humilde que conquista a independência financeira e se sente impelido a mantê-la a qualquer custo, até mesmo como forma de desagravo pelo passado de miséria. No entanto, sente-se atormentado pelas concessões feitas para atingir tal independência, culpado pela perda da autenticidade. Para Urbano Tavares Rodrigues, “*O Homem Disfarçado* [foi] talvez a mais funda e completa descarnação de uma consciência que o nosso século [XX] viu em Portugal” (RODRIGUES, 1981, p. 75). Por apresentar toda essa complexidade psicológica, penso ser válido abordar as questões ligadas sobretudo aos problemas que afligiram a realidade europeia da segunda metade do século XX a partir de cenas de *O Homem Disfarçado*, irradiando-as para as de outros

---

4 Para as citações das obras, utilizo abreviações com as letras iniciais dos títulos, seguidas do número das páginas.

textos escritos no mesmo período, como o romance *Domingo à Tarde* e narrativas inseridas em *Retalhos da Vida de Um médico* e em *Cidade Solitária*.

*O Homem Disfarçado* apresenta uma narrativa estruturada em um tempo diegético que não completa 24 horas da vida do personagem principal, o médico João Eduardo. Através das lembranças do personagem, o leitor vai tomando conhecimento de seu passado e dos dramas que o atormentam. Essa oscilação temporal entre passado e presente é um recurso muito comum nos textos de Fernando Namora, “que situa quase sempre as personagens num momento de crise, destinado a estimular um processo (ou um <<retrocesso>>) da consciência” (EMINESCU, 1983, p. 22). A ação do romance ocorre em Lisboa e está centrada nos dramas de consciência do protagonista, homem vindo do campo e que concluiu os estudos com o sacrifício de seus pais (e dele mesmo, já que dava aulas particulares para reforçar o minguado orçamento). Com um temperamento tímido e perfeccionista, João Eduardo – que começou a carreira como médico de aldeia – dedicava-se incansavelmente aos estudos, uma vez que um diagnóstico equivocado poderia custar-lhe a ascensão profissional e aumentar a desconfiança da população aldeã, sempre receosa de “estranhos”. Vale destacar que o personagem será marcado de saída pela maldição do não pertencimento, espécie de doença que a sua medicina pouco solidária é incapaz de autocurar:

Ele aprendera a precaver-se contra a opinião pública rodeando cada caso de uma atmosfera de dúvida, de dificuldades, quando não mesmo de angústia. E sabia fazê-lo sem clamores. Um sóbrio gesto de desalento sugeria ou aterrava muito mais do que as palavras. Os camponeses seguiam-lhe o jogo sombrio das sobranceiras e corriam lá fora a propalar que o doente tinha poucas esperanças de cura. Se a evolução da doença ia desmentir o prognóstico, é evidente que a considerariam um triunfo dos seus méritos. A verdade, porém, é que esse êxito não se traduzia por uma aproximação entre ele e o meio que o cercava. Continuava um estranho. (*HD*, p. 37)

Foi trabalhando como médico rural que João Eduardo conheceu e casou com Luísa, mulher já divorciada, sensível e determinada. A personalidade forte de Luísa ajudava João a vencer alguns complexos, porém também despertava no médico certa insegurança. Finalmente, conquistou uma boa colocação na capital e se tornou um médico respeitado e bem-sucedido financeiramente. Não foi fácil construir uma carreira de sucesso em Lisboa, para isso precisou apagar todas “as manchas de pobretão”, entrando no jogo de falsas relações do mundo dos ricos. O que para ele foi muito custoso, para Luísa pareceu mais fácil:

Sim, João Eduardo conseguira apagar todas as manchas de seu passado de pobretão. Para o conseguir, chegara a violentar-se. Luísa, como mulher, adaptara-se mais rapidamente, ou então, no seu caso, o caminho a percorrer tivesse sido mais curto. Nas primeiras surtidas a um mundo que não era o seu, João Eduardo confessava-lhe seu espanto: <<. Como podes mostrar-te tão tranqüila, tão senhora de ti, no meio... deles? >> (*HD*, p. 25)

O processo de adaptação por que João Eduardo e Luísa passaram pode ser explicado pelo que Bauman (1998) caracterizou como a capacidade de construção de uma “identidade

palimpsesto”, ou seja, ajustável ao mundo. O indivíduo abre mão de sua identidade autêntica para sobreviver num mundo de relações efêmeras, superficiais. Os personagens de *O Homem Disfarçado* parecem não mais suportar o teatro das relações sociais. Passado o deslumbre inicial com a vida em alta sociedade, Luísa vai aos poucos se fechando em si e em torno dos dois filhos, o que só aumenta a solidão e a insegurança do marido. O clima de incomunicabilidade afasta cada vez mais os dois, embora deixem transparecer, ao menos João, que esperam um do outro a qualquer momento uma iniciativa de aproximação:

Luísa mudara – reconhecia-o agora, e com o espanto de quem se vê perante um acontecimento inesperado. Tinham decorrido dias, anos, a vida modificara-se de um modo tal que, vista desta outra margem, lhe dava uma sensação de nada ter de permeio onde se apoiar. Estava no cimo de uma montanha; só agora verificava, de chofre, que para qualquer dos lados, recuando ou avançando, o esperava um espaço vazio. E durante a mudança alucinada eles tinham-se distanciado incredivelmente um do outro. Cada um fora obrigado a tecer o seu mundo e a refugiar-se dentro dele, embora não tivessem premeditado esse isolamento. Mas por quê? – inquiria agora de si próprio, fixando, absorto, os olhos murchos de Luísa. (HD, p. 21)

Iniciativa de reaproximação sempre adiada, João Eduardo se envolve com mulheres fortuitamente e conhece Silvina, mulher da noite com quem passa a manter uma curiosa relação de amizade e confiança, uma vez que não há sexo entre eles. O médico cria uma capa de indiferença em relação aos problemas do outro, utilizando-a como forma de proteção ou de fuga, ele não sabe responder. Nem mesmo o convívio com Jaime, amigo de juventude, pode manter espontaneamente (depois que adoeceu, Jaime passou a cobrar de João atenção, cuidados médicos e financeiros que começaram a sufocá-lo). João Eduardo deixa enredar-se pelo mundo de interesse e pela hipocrisia do meio médico, não consegue romper com essa realidade ainda que repudie as atitudes nada éticas que costuma testemunhar. Investe na amizade com o íntegro Medeiros – cirurgião que vive na pobreza com sua família porque não compactua com as imoralidades e a falta de ética de alguns colegas –, mas quando precisa fazer uma escolha no confronto entre o médico oportunista e o colega íntegro, não se decide. O ímpeto de mudança sempre esmorece muito rápido no personagem, porém a seu favor está a insistente esperança de que um dia essa mudança imponha-se. Há em João Eduardo, a clássica questão do duplo, imagem em que inconscientemente aposta a fim de justificar toda a sua indesculpável inação:

Era necessário que alguém morresse dentro de si, que no dia seguinte fosse um outro a acordar destemidamente para a vida. Só precisava que um brutal acontecimento lhe completasse a ruína para, então, renascer. Mas quantas coisas sacrificadas a essa destruição ficariam para trás? (HD, p. 301-302)

A narrativa de *O Homem Disfarçado* começa numa manhã em que João está numa oficina e ouve os gritos de socorro (“Acudam! Acudam-me!”), o aviso de uma tragédia de que se recusa a participar, e termina no início da manhã seguinte quando entra em casa disposto a tirar todos os disfarces para reconquistar Luísa e recebe dela a notícia de que Jaime havia morrido: “– O

Jaime morreu” (*HD*, p. 314). Para muitos críticos, esse final indica “uma narrativa fechada sobre si mesma” (EMINESCU, 1983, p. 23), pois a morte de Jaime acabaria com todas as possibilidades de recomeço para João Eduardo. Apesar de todo o ceticismo que perpassa essa e tantas outras narrativas do autor, o final parece-me em aberto, permitindo que uma ponta de esperança aponte para um recomeço. A meu ver, a morte de Jaime pode ser lida como “o brutal acontecimento” referido na passagem acima que completaria “as ruínas” de João Eduardo para que ele pudesse enfim renascer. Minha leitura encontra eco nas palavras de Fernando Teixeira Batista, que também acredita em uma possibilidade de recomeço para o personagem:

Conquanto *O Homem Disfarçado* não seja um romance otimista /.../, ele não está totalmente despido de esperança, que se apreende no seu protagonista. É verdade que o final parece capaz de aniquilar as esperanças de João Eduardo; no entanto, será apenas o ceticismo do autor, sem desmedidas ilusões, a confrontar o homem com os enraizados obstáculos que lhe dificultam qualquer tentativa de uma verdadeira mudança, pois o seu protagonista, ao longo do dia da diegese do romance, vai sentindo uma esperança cada vez maior. Ainda que, no final, as portas da redenção pareçam fechar-se, a verdade é que João Eduardo empreende um caminho essencial. (BATISTA, 2014, p. 229-230)

Os romances citadinos de Fernando Namora costumam ter protagonistas de origem rural que vieram para a cidade em busca de maior visibilidade profissional e, sobretudo, segurança financeira. João Eduardo apresenta esse perfil de médico de aldeia que recebe a oportunidade de fazer carreira na capital e agarra-se a ela com todas as suas forças, mas o êxito em geral cobra seu preço: o afastamento de uma vida simples e cheia de planos para compactuar com o teatro das representações sociais. Para Bauman, o “homem civilizado trocou um quinhão das suas possibilidades de felicidade por um quinhão de segurança” (BAUMAN, 1998, p. 8) – uma segurança muito cara de que não consegue se livrar, mesmo que não esteja mais disposto a pagar por ela. Por isso, muitas vezes prefere “aliena[r]-se para não se sentir destruído” (NAMORA, 1979, p. 230). A presença do outro se torna dolorosa porque o obriga à manutenção da representação social à custa de muito ódio. Nesta passagem, um desconhecido procura desesperado por alguém que possa socorrer uma criança que foi esmagada no elevador de um prédio. O homem olha com perplexidade para a inércia de João Eduardo, que reage com irritação àquele olhar de reprovação:

– Então não há quem acuda a uma desgraça?

[...]

O homem que lançara o apelo encontrou à frente dos olhos a passividade de João Eduardo, que, ao portão da garagem, de mãos enterradas nos bolsos da gabardina, se encostara a um dos faróis do carro, e encarou-o com uma agressiva irritação. João Eduardo perturbou-se. [...] Dentro dele, começava a derramar-se aquele ressentimento surdo, feito de emoções desperdiçadas e violentadas, sentindo por todos que lhe exigiam que fingisse participar de vidas e anseios que não lhe diziam respeito. Estava cansado de fingir – e os outros persistiam em impor-lhe que continuasse fingindo. (*HD*, p. 15)

Em *Domingo à Tarde* (1961)<sup>5</sup>, o narrador-protagonista também vem de uma origem simples e consegue êxito na capital. Com o tempo, o trabalho no hospital, no setor de doentes terminais, foi criando nele uma couraça de arrogância e dissimulação. Suas reações faciais, os gestos eram premeditados para causar nas pessoas o receio da aproximação. Jorge, como João Eduardo, fugia do convívio com o outro.

Nesse tempo, ou já muito antes, era considerado um tipo insociável. Fumava desalmadamente, macerando o cigarro de um canto para o outro da boca, num jeito nervoso nada fácil de imitar, roendo a todo o momento qualquer danação íntima que a traduzia nos modos como *fazia crer às pessoas que a presença delas me era insuportável*. Tudo me servia para exagerar a brusquidão, talvez porque toda a gente reparasse nela e a censurasse, e a minha rebeldia contra fosse lá o que fosse manifestava-se, provocante, tanto mais quanto os outros a recebiam. (*DT*, p. 17)

Tanto a passividade e indiferença de João Eduardo quanto à arrogância de Jorge escondem uma vontade angustiante de recuperar uma autenticidade que ficou perdida no passado, quem sabe, presa à terra que deixaram para trás. Para enganar sua sensação estrangeira, João Eduardo procura nas histórias engraçadas dos pacientes ébrios um antídoto contra os aborrecimentos, contra a farsa social quotidiana, contra as dores de uma vida vivida como representação. Há, neste tipo de contato, a tentativa desesperada de libertação:

[...] eram os ébrios que, nesse trágico cenário, abriam uma pausa de pitoresco e humor. Eram os palhaços daquele circo de dramas. Os médicos nunca desperdiçavam o ensejo de lhes acirrar a saborosa verborria. <<O mundo quer rir>>. E João Eduardo repetia muitas vezes dentro de si: <<o mundo quer rir, o mundo quer rir. O riso é um narcótico tão acessível, tão oportuno!>>. E, obsessivamente, a frase multiplicava-se no seu cérebro entorpecido. Todos estavam fartos de lágrimas e lamúrias. Estavam fartos de dor. [...] (*HD*, p. 212-213)

Em outra passagem de *Domingo à Tarde*, o narrador-protagonista chega a dizer textualmente que aprende muito com o povo e que admira sua simplicidade: “Tenho aprendido muito com o povo. Nele as coisas que dão à vida inesgotável grandeza não foram ainda violadas nem empobrecidas. O instinto do povo guarda-lhes o mistério da seiva” (*DT*, p. 38). A reação dos personagens demonstra que não é o convívio com o outro que lhes é insuportável, mas a hipótese de estarem diante de si mesmos, diante daquilo em que se transformaram. Esse sentimento, a meu ver, reflete o pensamento de Sartre de que a angústia no homem decorre não só da constatação de que ele não é o que desejou ser, mas também da consciência de que é responsável por suas escolhas:

[...] o homem ligado por um compromisso e que se dá conta de que não é apenas aquele que escolhe ser, mas de que é também um legislador pronto a escolher, ao mesmo tempo que a si próprio, a humanidade inteira, não poderia escapar ao sentimento da sua total e profunda responsabilidade. (SARTRE, 1973, p. 13)

---

5 Romance vencedor do Prêmio José Lins do Rego, *Domingo à Tarde* impõe a seus leitores a dolorosa consciência da fragilidade humana diante da morte.



Uma das temáticas mais constantes nas narrativas do pós-guerra é o esfriamento das relações, a sua desumanização. No ensaio “Em torno do Neo-Realismo”, Fernando Namora explica que a passagem para uma sondagem mais psicológica nos romances desse período refletia “o desejo de redescoberta do indivíduo, um indivíduo desesperadamente desiludido de uma colectividade que perdeu a <<alma>> na mitificação da eficácia e do labor superorganizados, que desumanizou as relações sociais e se despojou de objectivos” (NAMORA, 1979b, p. 229). O que se pode notar nos romances do escritor, nesse período, é um indivíduo que se deixou levar pela engrenagem e viu-se alijado não só das relações sociais, mas até mesmo das relações familiares. Em *O Homem Disfarçado*, como já foi apontado, o protagonista reconhece o distanciamento de sua mulher, assim como percebe melancolicamente que se tornara um estranho para os filhos. Na passagem a seguir, tenta um afago no filho, que embaraçado não o corresponde. A maneira como o menino olha para a mãe, como que a pedir um consentimento para retribuir o afeto do pai, é dolorosa. João Eduardo tem consciência de que a busca desmedida pelo êxito profissional e pela ascendência econômica lhe custaram o convívio humano com a própria família:

[...] levantou-se, enfim, passou os dedos pelo queixo de Carlitos e dirigiu-se para a porta.

Ainda olhou uma vez mais para o filho. Mas este baixou a cabeça quando se sentiu observado, como se o pai fosse um desconhecido cujas familiaridades se tornassem embaraçosas. João Eduardo sentiu um rolho de angústia a sufocar-lhe a respiração. Tudo nervos, fantasmas. Não havia dúvida que trazia os nervos esfrangalhados; qualquer dúvida banal, anódina, os inflamava.

– Adeus, Carlitos – insistiu.

O garoto olhou para a mãe, à espera do seu consentimento para retribuir a saudação. (HD, p. 50)

O conto “Cidade Solitária”, inserto no livro de contos homônimo (1959)<sup>6</sup>, também apresenta um protagonista corroído pelo arrependimento de não ter sabido conservar os laços familiares, por não ter conseguido verbalizar o seu desejo de salvar seu casamento, a sua relação com os outros:

Onde estaria a mulher? Ainda em África? Nem já amargura, ou vexame, essa nebulosa evocação lhe provocava, embora às vezes lhe corresse o cérebro como navalha. Queria admitir, no entanto, que tivesse sido ele o culpado. Deixava as pessoas entregues a si próprias. Roídas ou solitárias. O surdo nervosismo que o perseguia sem uma pausa, isolando-o, era o mesmo daquele tempo. A mesma incapacidade de dizer: *Vamos dar um jeito à nossa vida, Maria. Pôr tudo aqui fora, às claras. Deixar que a luz nos faça uma purificação. O que sentimos, de mal ou de bem, um pelo outro, ruge num subterrâneo. Como a fúria do mar, quando se esconde numa gruta.* Ao premeditar esse desanuviamento, sorria-lhe, acarinhava-a, mas as palavras decisivas ficavam por dizer. (CS, p.17-18)

---

6 Publicado em 1959, entre as publicações dos romances *O Homem Disfarçado* e *Domingo à Tarde*, o livro de contos *Cidade Solitária* mescla narrativas de ambiências rural e urbana. É considerado por muitos críticos como um dos trabalhos mais significativos de Fernando Namora, em que o autor expõe amplo domínio da técnica literária.

O grande drama desses personagens é não saber onde os laços se partiram. Se soubessem, talvez pudessem refazê-los. João Eduardo não perde a esperança, afinal acredita só precisar de “um acontecimento brutal” para recuperar os gestos autênticos e espontâneos. Raimundo, protagonista de “Cidade Solitária”, também acredita numa grande mudança em seu comportamento que possa reaproximá-lo de um convívio espontâneo com as pessoas: “Desta vez, tudo iria correr de modo diferente. Estava na sua mão” (CS, p. 27).

Dos temas abordados na obra de Fernando Namora, o universo da doença é sem dúvida um dos mais recorrentes, pois o escritor sempre se serviu das experiências do médico para recolher seu material literário. Em *O Homem Disfarçado* o tema da doença se faz mais premente no personagem Jaime, amigo de juventude de João Eduardo. O quadro em que o doente se encontra é descrito como algo grotesco e degradante. É um quadro que causa horror a quem dele participa, nem mesmo o amigo médico suporta a presença do ambiente de morte sem sentir náusea:

– Até que em fim João.

Mas não havia censura nem desafio nesse desabafo. Desta vez, João Eduardo logo reconheceu que o cenário era autêntico. O amigo estava com o tronco dobrado para a frente e o pescoço parecia rebentar do esforço de sorver uns restos de ar para aqueles pulmões sufocados e desfeitos. Dos cantos da boca escorria uma baba de sangue. Havia sangue por todos os lados: na camisa, nos lençóis, na bacia e ainda nos dedos grosseiros de Rita, mulher do Jaime, que de pé, olhos sonolentos e abúlicos, parecia aguardar um berro ou simplesmente o fim. E por detrás dela, dois velhos silenciosos, vagamente amedrontados, como crianças assistindo a um ofício religioso.

João Eduardo não se aproximou. Já lhe era impossível disfarçar a náusea que o amigo lhe provocava. [...] (HD, p. 131-132)

Na primeira série de *Retalhos da Vida de Um Médico* (1949), a angústia sentida por um médico diante da incapacidade de vencer a morte iminente foi dolorosamente exposta por Fernando Namora no conto “A prima Cláudia”: “Alguma coisa estava brutalmente errada. Haviam-me iludido, magoado. Recebia uma lição. Daí em diante sofreria até a angústia o que é ter uma vida nas nossas mãos, uma vida que nos é entregue: um misto de desafio, de responsabilidade e desespero.” (RVM, 1979, p.51)

A finitude física é denunciada de maneira contundente por Fernando Namora na busca de outra forma de permanência que não a física, porque os corpos morrem.<sup>7</sup> A forma encontrada

---

<sup>7</sup> No livro *Tabu da Morte*, o antropólogo José Carlos Rodrigues confronta diferentes visões sobre a morte. A do sociólogo francês Louis-Vicent Thomas resume, a meu ver, a intenção de Fernando Namora de pensar a finitude como forma de se conscientizar de seus limites: “é no momento em que tomo consciência de minha finitude que cada instante de minha vida se carrega de todo o peso do meu destino. Cada um dos meus atos se inscreve nele como uma peça nova de uma edificação irreversível que continua por toda a duração de minha existência, deixando-me cada vez com o gosto do inacabado. [...] a consciência da morte é a condição mesma da vida da consciência” (apud RODRIGUES, 2006, p. 23).

pelo personagem Jorge, em *Domingo à Tarde*, de eternizar a presença de Clarisse escrevendo um livro sobre ela aponta para a resposta. A resposta do personagem vai ao encontro das considerações de Eduardo Lourenço sobre o sonho da literatura de vencer a vulnerabilidade da vida humana: “A saúde é pouco propícia à efabulação. O mesmo sucede com a pura doença. A escrita nasce e prospera no espaço equívoco que separa e une à outra. Triunfante ou falhada, manifesta sempre um desejo de invulnerabilidade” (LOURENÇO, 2000, p.11).

A partir de sua ida para Lisboa, o escritor Fernando Namora não levou o universo da medicina para seus livros apenas para mostrar a fragilidade do ser; em *O Homem Disfarçado* e em outras narrativas, o escritor denuncia um meio médico corrompido, que põe em risco a saúde dos pacientes para obter vantagens financeiras e *status*. O escritor-médico desconstrói uma imagem de homem bem-sucedido e respeitável que o médico mantém no imaginário social. Denunciar uma ordem de que faz parte torna a atitude de Fernando Namora ainda mais contundente:

Fernando Namora soube desmontar como ninguém, entre nós, o mecanismo de uma comédia social e humana que ultrapassa os círculos do indivíduo para se converter na lei de um mundo, ele mesmo em estado de comédia e mentira congênita. Como o padre e o juiz, o médico partilha, naturalmente, a boa consciência ideal da sociedade da ordem, do dinheiro e do privilégio ostentatório, à qual todos os três são como predestinados. Descobrir-se inquieto, denunciar a comédia obrigatória que tal mundo se crê autorizado a exigir deles, é o mesmo que sacudir as colunas do templo e correr o risco de ficar soterrado sob elas. (LOURENÇO, 2000, p. 14-15)

A corrupção e falta de ética médica, em *O Homem Disfarçado*, estão representadas pela figura do Prof. Cunha Ferreira, cirurgião ainda bem-conceituado no meio, mas já um tanto desatualizado, que procura manter o prestígio na carreira oferecendo “vantagens” a clínicos que indiquem pacientes para serem operados por ele, pacientes ricos e/ou influentes, obviamente. Desprovido de ética, Cunha Ferreira costuma indicar cirurgias que no mínimo poderiam ser evitadas. Seu grande desafeto é Medeiros, médico extremamente íntegro que questiona e contesta seus diagnósticos. Cunha Ferreira convidara João Eduardo e Medeiros para um jantar em sua casa. Convidou também o paciente, um vinhateiro rico, para quem indicou uma cirurgia desnecessária e contestada por Medeiros. Cunha Ferreira contava com que João Eduardo desse um parecer favorável a ele. O marido de Luísa perdera a oportunidade de romper com aquele mundo de conluios, dando uma resposta evasiva e decepcionando Medeiros. É possível ver no gesto de João Eduardo de ajeitar o tapete uma metáfora para a arrumação do tapete social enrugado que a concordância interesseira de João ajeitou:

- Preciso de não me esquecer destas chapas cá em casa... São do nosso doente, meu caro Medeiros. Você já as viu?
- Bem sabe que sim.
- É isso, desculpe. O nosso amigo João Eduardo esteve também a observá-las há pedaço. Creio que corrobora a minha opinião. Não é verdade, meu caro João Eduardo?

[...]

João Eduardo desfez com os pés uma ruga do tapete. Tinha empalidecido. Enquanto o Medeiros numa expectativa tão intensa que se tornava dolorosa, aguardava a sua resposta, ele procurou uma frase que, sem o comprometer, não desiludisse de todo as esperanças do dono da casa.

– É difícil, evidentemente, afirmar que uma decisão cirúrgica esteja fora de dúvida. Mas, nestes casos, a ela se recorre com frequência. (HD, p. 193-194)

A atitude de João Eduardo de não se posicionar claramente, mesmo consciente de que deveria desmascarar a farsa de Cunha Ferreira, mais uma vez evidencia um de seus maiores dramas interiores: ao mesmo tempo em que deseja resgatar uma vida de valores autênticos, não consegue desprezar as vantagens que relações como a que mantém com o corrupto cirurgião podem lhe assegurar. Não por acaso, é através do personagem que personifica positivamente a ética médica, Medeiros, que o autor traz o enfoque social para a narrativa, provando mais uma vez que a mudança para uma sondagem mais subjetiva não o fez negligenciar os temas e as preocupações coletivas. As próprias dificuldades financeiras que o médico enfrenta para sustentar e manter com dignidade a família já suscitaria o enquadramento socioeconômico do romance. Mas isso se dá de maneira mais contundente quando Medeiros apresenta a João Eduardo a realidade de doentes de bairros pobres da cidade. A crueza como a miséria vai sendo mostrada não deixa dúvida ao leitor de que as mazelas sociais ainda não podem deixar de ser denunciadas. Medeiros faz um comentário doloroso e consciente sobre a precariedade e a “burla” do atendimento médico entre os pobres:

– Há qualquer coisa em si que não está certa, João Eduardo. Tenho pensado nisso algumas vezes. No entanto, no campo profissional, você é um sujeito decente. Que nome daria você ao facto de mandarmos um doente destes para o hospital, um cardíaco, por exemplo, e depois de vencidos os edemas o remetermos para casa com a recomendação de que faça repouso e dieta? Dieta, ein? ... Não é uma burla? E a um tuberculoso a quem injectamos um coagulante e .... Você está a obrigar-me a demagogia barata, raios o partam! (HD, p. 111).

Porque o escritor “denuncia para destruir e edificar (NAMORA, 1981, p. 30), no conto “O Influente” – inserto na segunda série de *Retalhos da Vida de Um Médico* (2000)<sup>8</sup> –, Fernando Namora continua expondo a degradação moral do universo médico. Na narrativa, a falta de ética é personificada pelo personagem Sousa, médico sem talento, influente e oportunista que alcança o sucesso e a admiração de seus pares apropriando-se dos projetos do colega Meneres – médico de grande capacidade profissional, porém malsucedido economicamente e sem nenhuma influência política: “– Vendi-me ao Sousa, eis tudo. Bebo com as esmolas que ele me

---

8 Os episódios narrados nas duas séries de *Retalhos da Vida de Um Médico* não são um “memorial” do clínico Fernando Namora, mas recriam ficcionalmente suas experiências. A primeira série de *Retalhos* traz narrativas ambientadas predominantemente no campo; a segunda série foi publicada já quando o escritor havia se mudado para Lisboa e compõe o ciclo citadino de sua obra. Para Mário Sacramento, entre a publicação da primeira série de narrativas e a da segunda, percebe-se a “transição do médico-escritor para o escritor-médico” (1967, p. 124).

dá. E fica sabendo que lhe sou grato: se soubessem que os projectos me pertenciam, alguém lhes daria atenção? ” (RVM, 2000, p. 36).

Fernando Namora considerava-se um camponês exilado na cidade, o que talvez explique por que a necessidade de convívio humano e o desejo de pertencimento sejam sentimentos tão característicos na constituição dos personagens que criou ao longo de sua vida literária. Esses sentimentos são mais intensos nas narrativas de ambientação citadina, pois costumam apresentar protagonistas que saíram do campo para tentar a ascensão social e econômica na cidade. Esses personagens são normalmente homens que, apesar da vida confortável, se sentem solitários e carentes de um convívio afetoso com os outros, como tão bem exemplifica o protagonista do conto “Cidade Solitária”: “Mas que deveria fazer? Como e quando aquela gente perceberia que êle os estimava, por muito intolerante que parecesse? Que lhe era urgente a sua afeição, ser um deles?” (CS, p. 30-31)

O desejo de pertencimento é muito presente no romance *O Homem Disfarçado*. Chama muita atenção o fato de que o pertencimento buscado por João Eduardo ultrapassa a necessidade de convívio humano. Ele precisa manter-se próximo a pessoas que o liguem a um outro tempo, um tempo passado em que residem seus sonhos, suas ideologias, enfim seus sentimentos mais autênticos. Para o personagem, “as pessoas podiam ficar indiferentes ao que lhes era posto bem perto dos olhos, mas uma viagem ao passado, mesmo a acontecimentos insignificantes, estabelecia logo uma receptividade singular [...]” (HD, p. 272). Isso explica porque João conserva a amizade com o amigo de infância Jaime por mais que essa relação chegue a causar-lhe desconforto no presente. É a maneira encontrada para permanecer fiel ao que foi na juventude.

A ligação de João Eduardo com Jaime tornava-se mais dramática porque a decadência física e econômica do amigo opunha-se totalmente ao sucesso de João. A amizade estava há muito tempo desgastada, mas mantinha-se fiel por ser “uma ligação impossível de repetir nos amigos frustes do presente? ” ou pelo desejo desesperado de conservar intocada “uma relíquia de si próprio, do que em si houvera e capacidade de aderir apaixonadamente a um companheiro?” (HD, p. 130). João tinha convicção de que a morte de Jaime significaria a morte de uma parte dele mesmo: “[...] Já lhe era impossível disfarçar a náusea que o amigo lhe provocava. E, no entanto, nessa relação havia ainda uma dolorosa solidariedade: como se, através da desagregação do amigo, alguma coisa dele próprio apodrecesse também” (HD, 132).

Quando não temos um futuro em que possamos projetar nossos anseios, procuramos no passado “os fragmentos de esperança” de uma existência melhor, o que muitas vezes gera uma acomodação em relação ao presente (LINS, 2006, p.11). Os personagens de Fernando Namora sentem uma angústia que ainda os defende da acomodação. Por mais que as passagens narrativas aqui analisadas sugiram um olhar pessimista de seu autor em relação ao homem de seu tempo, o mergulho dos personagens em seus conflitos interiores a fim de descobrirem seus limites faz surgir uma ponta de esperança no futuro, pois a mudança só pode vir através desse

autoconhecimento.

Com essa breve exposição analítica de alguns dos vários aspectos abordados por Fernando Namora – especialmente a partir da publicação *O Homem Disfarçado*, romance que marca o aprofundamento da perspectiva subjetiva em sua escrita –, procurei mostrar a atualidade de um autor que em seu tempo problematizou questões que continuam a afligir a sociedade nos dias de hoje. Fernando Namora encontrou na literatura um meio de interpelação e de transformação do mundo em que viveu. Sua trajetória como escritor comprova que buscou interpelar e transformar o mundo “para o tornar mais habitável, o que efectivamente equivale a dizer: mais fraterno” (NAMORA, 1981, p. 216). Entendo que celebrar a memória de Fernando Namora no ano do centenário de seu nascimento seja, para além de uma justa homenagem ao escritor, uma valiosa contribuição para tornar nossa realidade mais fraterna e humana.

### **Referências:**

BATISTA, Fernando Teixeira. **Fernando Namora: retratos ficcionais de um país real**. Porto: Universidade do Porto, 2014. [Tese de Doutorado, 470fls.]

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. **Escritores Portugueses**. São Paulo: Quíron, 1973

\_\_\_\_\_. Fernando Namora e a civilização cristã-burguesa em declínio. **Colóquio/Letras**. Lisboa, n. 104/105, jul. 1988, pp. 69-78.

EMINESCU, Roxana. O Tempo Disfarçado: a estrutura temporal nos romances de Fernando Namora. **Colóquio/Letras**. Lisboa, n. 73, maio 1983, pp. 21-28.

LINS, Ronaldo Lima. **A Indiferença Pós-moderna**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

LOURENÇO, Eduardo. Escrita e Doença na Obra de Fernando Namora. In: NAMORA, F. **Retalhos da Vida de Um Médico**. (segunda série) 16. ed. Lisboa: Europa-América, 2000.

NAMORA, Fernando. **O Homem Disfarçado**. 3. ed. Lisboa: Arcádia, [s.d.].

\_\_\_\_\_. **Cidade Solitária**. São Paulo: Clube do Livro, 1971.

\_\_\_\_\_. **Um Sino na Montanha**. 5. ed. Amadora: Bertrand, 1979.

\_\_\_\_\_. **Domingo à Tarde**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1986.

\_\_\_\_\_. **Retalhos da Vida de Um Médico**. (primeira série) 22. ed. Amadora: Bertrand, 1979.

\_\_\_\_\_. **Retalhos da Vida de Um Médico.** (segunda série) 16. ed. Lisboa: Europa-América, 2000.

RODRIGUES, José Calos. **Tabu da Morte.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

RODRIGUES, Urbano Tavares. **Um Novo Olhar sobre o Neo-Realismo.** Lisboa: Moraes, 1981.

SACRAMENTO, Mário. **Fernando Namora.** Coleção A Obra e o Homem. Lisboa: Arcádia, 1967.

SARTRE, Jean-Paul. “O Existencialismo é um Humanismo”. Tradução e notas de Vergílio Ferreira. **Os Pensadores.** São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 7-38.